

ENTREVISTA COM NÁDIA BATTELLA GOTLIB

Milca TSCHERNE¹

Alexandre de Melo ANDRADE²

Nádia Battella Gotlib é mestra e doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e possui livre-docência em Literatura Brasileira pela mesma universidade. Atuou em várias universidades brasileiras e do exterior. A pesquisadora tornou-se uma das principais referências para os estudos em torno da escritora Clarice Lispector, destacando-se, entre outras publicações, os livros *Clarice: uma vida que se conta* (1995) e *Clarice Fotobiografia* (2008), que auxiliaram na divulgação e compreensão da obra de uma das mais singulares vozes de nossa literatura. Contribuiu de modo fecundo para a teoria literária, como atesta a publicação de *Teoria do conto* (1985). Nádia continua sua produção crítica de modo contundente, conforme a presente entrevista atesta, e participa de eventos diversos como conferencista.

1. De 2007 a 2011 você esteve envolvida em um projeto intitulado “A biblioteca de Clarice Lispector”, que se propunha a investigar o material bibliográfico pertencente à escritora e que hoje se encontra disperso em dois acervos no Rio de Janeiro: no Arquivo Clarice Lispector da biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa e na Coleção Clarice Lispector do Instituto Moreira Salles. Que especificidades envolve um projeto dessa natureza?

Nádia: *O desenvolvimento desse projeto aconteceu em duas etapas distintas. Num primeiro momento, examinei os livros que estão na Fundação Casa de Rui Barbosa. Infelizmente, por falta de condições físicas da sede da Fundação, os livros foram incorporados à biblioteca central da Fundação. Isso quer dizer que o acervo propriamente dito de Clarice Lispector não está visível para o leitor. Consegui recuperá-lo ao consultar as fichas de cada*

¹ Doutora em Estudos Literários pela UNESP/Araraquara. Docente de Teoria Literária e Literatura Portuguesa na AFARP-UNIESP. Email: milcatscherne@gmail.com

² Doutor em Estudos Literários pela UNESP/Araraquara. Docente de Teoria Literária e Literatura Brasileira da AFARP-UNIESP. Email: alexandremelo06@uol.com.br

exemplar, em que ainda se fazia constar a especificação da fonte: Acervo Clarice Lispector.

Num segundo momento, pude conhecer um segundo lote de livros que pertenceram a Clarice Lispector. Esse contato surgiu quando um dos herdeiros de Clarice precisou retirar os livros de uma casa, em Teresópolis, onde os livros foram depositados após o falecimento de Clarice. Eu e mais uma pesquisadora, Aparecida Maria Nunes (a pesquisadora que praticamente ‘ressuscitou’ dos jornais as colunas e páginas femininas de Clarice), providenciamos a mudança dos livros, da referida casa para o Instituto Moreira Sales, na Gávea. É esse lote que se encontra no IML, ao qual, posteriormente, foram acrescentados outros lotes, menores que o primeiro, encaminhados pelos herdeiros.

2. O que foi possível identificar durante esse período de pesquisa acerca da Clarice leitora?

*Nádia: Pude perceber a diversidade dos livros que Clarice supostamente lia. Digo ‘supostamente’ porque não se pode afirmar que tenha lido todos aqueles livros. Aliás, certeza mesmo que leu só é possível quando ela própria faz menção a passagens dos livros, ou faz citações, ou afirma explicitamente que leu. Mesmo assim, em alguns casos, não é possível concluir categoricamente que efetivamente tenha lido o livro todo... E em se tratando de Clarice, ocorre o contrário: quando a crítica afirmou que havia ‘afinidades’ entre seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, e a obra de Virginia Woolf e de James Joyce, reagia afirmando que não havia lido tais autores antes de escrever esse romance.*

De qualquer forma, os livros, ao todo, considerando tanto os da Fundação Casa de Rui Barbosa quanto os do IML, compõem uma soma considerável. Observe-se ainda que na juventude, alugava livros que, segundo a própria Clarice, eram escolhidos pela capa... Ao se mudar para o Rio, teve um conselheiro de leituras: Lúcio Cardoso. E receberia sugestões de leituras ao longo dos anos dos amigos que ali moravam, que eram ficcionistas ou jornalistas. Recém-casada, quando morou em Belém, durante seis meses, teve

uma leitura orientada pelo Professor Francisco Mendes, e por isso lhe ficou grata e pelo resto da vida.

Na sua biblioteca encontram-se livros de crítica literária, livros de poesia e romances, tanto de autores estrangeiros quanto brasileiros, estes, sobretudo, de escritores amigos que lhe enviavam os livros com dedicatórias. Um dos produtos dessa pesquisa é a listagem das relações intelectuais de Clarice com outros escritores, a partir das dedicatórias que são registradas nos volumes. Pode-se também, a partir da leitura desses livros, detectar certas ‘tendências’ de Clarice, que leu Sartre e Spinoza, leu Dostoiévski e Julien Green, leu revistas dedicadas a um público feminino e livros sobre cabala e que deixaram ‘rastros’ na sua produção literária e jornalística.

*Uma excelente análise de algumas dessas relações foi feita por Ricardo Iannace, no seu livro *A leitora Clarice Leitora* (São Paulo, Edusp/Fapesp, 2001).*

3. Recentemente iniciou-se uma discussão sobre a publicação de biografias não autorizadas. Como autora de *Clarice: Uma Vida que se Conta* e de *Clarice Fotobiografia*, o que você pensa sobre o gênero biografia e sobre o debate?

Nádia: Considero o gênero biografia extremamente importante para se compreender não só a ‘pessoa’, sua ‘bio’, mas a cultura em que se insere essa pessoa. No caso de Clarice, tive de percorrer várias ‘camadas de cultura’ para poder tentar perceber as forças que estariam agindo na construção de sua fisionomia intelectual, mental, afetiva, artística: a origem russo-ucraniana, a família judaica de imigrantes, o nordeste dos anos 1920, o Rio de Janeiro dos anos 1935 a 1977 (com intervalo de 15 anos em que morou no exterior). E ainda procurei delinear contextos dos países onde morou, acompanhando o marido diplomata: a Itália durante a segunda grande guerra, a cidade de Berna na segunda metade dos anos 194; o sul da Inglaterra, onde passou seis meses no início dos anos 1950; os sete anos em que morou perto de Washington nos anos 1950, até 1959, quando voltou com os dois filhos para o Rio de Janeiro, já separada do marido.

Só me foi possível desenvolver a pesquisa de modo confortável porque tive colaboração de muitas pessoas que conheceram Clarice ou que tiveram algum

tipo de relação com a escritora. Tive acesso a vários arquivos, institucionais e pessoais. Pude viajar para os lugares todos onde morou ou por onde passou. E pude escrever o que eu quis e do modo que eu quis.

A questão da biografia sempre foi polêmica, e com Clarice Lispector não é diferente. Quando se trata da escritora, vêm à tona fatos, acontecimentos ou mesmo comportamentos assumidos por ela; tais elementos são, muitas vezes, transferidos para interpretações de seus textos. Esse interesse pela vida da autora auxilia, atrapalha ou complementa uma visão crítica de sua obra?

Nádia: *As três hipóteses são válidas, isto é, as três podem ocorrer.*

A biografia auxilia, na medida em que o desenho de uma vida ajuda a contextualizar a produção: qual sua formação escolar? Onde estava quando escreveu este ou aquele romance? Qual teria sido a força da cultura judaica na sua produção ficcional? Aliás, esse último item tem sido recentemente, no meu entender, supervalorizado, como se tudo que Clarice escreveu assim escreveu porque era judia... Convém lembrar que Clarice afirmou explicitamente não seguir a religião judaica. E não seguiu mesmo. Só a irmã, Elisa, é que seguiu a tradição religiosa da família e escreveu sobre este assunto em vários textos, ficcionais e autobiográficos.

*A biografia atrapalha quando dados biográficos interferem a tal ponto que impedem a leitura 'ingênua' de um texto. Cito um exemplo: quando eu leio *Água viva*, instintivamente identifico os trechos do romance que foram anteriormente publicados, onde foram publicados (em que jornais ou livros), e as situações de vida de Clarice quando foram eles escritos ou publicados. Perco o fluxo contínuo da leitura e transformo esse livro num patchwork. Não considero essa minha leitura uma boa leitura.*

*A biografia complementa quando permite relação entre vida e obra que permita melhor perceber a dimensão de um personagem ou a questão que ali está em foco. Cito um outro exemplo de leitura minha: não consigo ler *A hora da estrela* sem remeter a 'condição' da Macabéa (personagem com nome ligado à história do povo judeu, nordestina pobre que foi tentar a vida na cidade do Rio de Janeiro) à história de vida da própria Clarice (de família*

judia muito pobre, que imigrou para o nordeste, e dali foi tentar a vida no Rio de Janeiro).

4. Você é uma pesquisadora de referência para quem estuda Clarice Lispector. Como você avalia a sua compreensão sobre a obra de Clarice após tantos anos de estudo e de inúmeras publicações? Há ainda lacunas ou inquietações a que se pretende dedicar? Se houver, quais seriam?

Nádia: *Uma obra com nível de excelência, como penso que seja a obra de Clarice, nunca se esgota. Daí o número enorme de leituras da obra de Clarice, a ponto de não ser possível mais ter acesso a todas elas. É um sinal de que continua inquietando leitores.*

Posso afirmar que agora estou relendo Clarice pela via da irmã, Elisa. Preparo um livro sobre Elisa, que escreveu a história da família, que Clarice nunca escreveu. Sob certo aspecto, continuo relendo Clarice, de outro modo: pela comparação inevitável com a produção da irmã.

5. A autora Clarice Lispector é, hoje, uma das mais citadas nas redes sociais (embora, muitas vezes, sem a devida referência). Por tratar-se de tais veículos, que, por sua natureza, não referendam o ambiente acadêmico, fica notório que a autora despertou a atenção de um público mediano, não necessariamente leitor de clássicos da literatura. A seu ver, a que se deve tal interesse?

Nádia: *Se, por um lado, é bom que um número maior de pessoas tenha acesso a seus textos, por outro lado, o acesso vem capenga: há textos na internet que não são dela; há trechos de texto dela que são destacados do contexto do romance, ou do conto, ou da crônica, perdendo uma dimensão literária ou mesmo de interesse humanístico; e noto na internet uma certa obsessão por frases que, assim destacadas, acabam tendo uma feição de autoajuda, que nada tem a ver, no meu entender, com o seu sentido original, nos textos em que se inserem originalmente.*

Só reconheço um sentido positivo: se a partir dessas frases ‘mutiladas’, o leitor ainda assim se sente estimulado a procurar os livros de Clarice e a encontrar, efetivamente, a obra de Clarice.

6. A sua extensa produção acadêmica e crítica revela uma carreira dedicada às literaturas portuguesa e brasileira. Além destas duas fascinantes literaturas, às quais você trouxe importantes contribuições intelectuais, qual é a terceira com a qual você tem mais afinidade?

Nádia: *A literatura russa, pela sua dimensão humanista, ou seja, pela problematização da condição humana, tanto no romance quanto no conto. E sobretudo pela capacidade de construção romanesca com rede intrincada de episódios, em trechos de longa extensão, quanto pela capacidade de síntese, em textos breves como os contos.*

7. Você está envolvida em algum projeto de publicação? Que novos horizontes de estudos críticos você vislumbra?

Nádia: *Estou envolvida em pesquisa sobre Elisa Lispector. E tenho outros projetos que estão ainda engatinhando e que me fazem lembrar do Guimarães Rosa: de fato, no começo, tudo é fingimento...*